

A MORTE, TÃO ANSIOSAMENTE DESEJADA, PROCUROU-A FLORBELA ESPANCA POR SUAS PRÓPRIAS MÃOS: O SUICÍDIO, A MODERNIDADE E O SABER MÉDICO EM PORTUGAL NO INÍCIO DO SÉCULO XX.

Priscilla Freitas de Farias

PPGH-UFC

Priscillaffarias_@hotmail.com

RESUMO: A melancolia e a saudade caracterizaram a geração do final do século XIX e início do século XX em Portugal, cujo contexto histórico foi marcado pela desilusão dos sonhos revolucionários da Geração de 70 e pela derrocada da Monarquia, o que resultou no crescente pessimismo até a consumação final do agressivo suicídio coletivo de vários intelectuais. Dessa cultura ressentida que pôs em evidência os traumatismos sociais, nasceu a poeta portuguesa Florbela Espanca (1894-1930), cuja obra é um testemunho real do desespero humano que refletiu o mal-estar de sua época. Florbela incorporou a miséria do seu drama íntimo: amava a vida, mas desejava a morte, suicidando-se no dia 08 de dezembro de 1930, data que supostamente seria a celebração do seu trigésimo sexto ano de vida. Dessa forma, partindo do pressuposto que o ato de suicídio e o sujeito que o pratica são historicamente e socialmente construídos, esse trabalho propõe analisar a imagem do suicídio no *Diário do Último Ano* de Florbela Espanca. Dessa forma, tomaremos como base os discursos médicos sobre o suicídio desse período, em especial o trabalho de Manuel Larajeira, médico e escritor português, interrogando como a medicina conformou todos aqueles que se suicidavam em sujeitos doentes e/ou loucos.

PALAVRA-CHAVE: Florbela Espanca, Suicídio e modernidade.

No fim do século XIX, começou a onda de suicídios dos últimos protagonistas do Romantismo em Portugal: D. Fernando de Coburgo (1885), Mendes Leal (1886), Fontes (1887), Costa Cabral (1888), Soares dos Reis (1889), Camilo Castelo Branco, João Lemos e Júlio César Machado (1890), Antero de Quental (1891), Silva Porto (1893), Oliveira Martins (1894), Mouzinho de Albuquerque (1902), Manuel Laranjeira (1908), Mário de Sá Carneiro (1916) e, posteriormente, Florbela Espanca (1930), a quem vamos dedicar esse estudo, a qual viu uma geração de intelectuais se entregar à morte e, assim, como uma boa romântica, também deixou-se morrer de desgosto, de dor e de amor.

Num contexto de descrença e de perda de referenciais, os poetas surgiram como sujeitos que não só se sensibilizavam, mas captavam e manifestavam seus sentimentos

diante do clima de estranheza e de vazio daquela sociedade, expressando por meio da literatura e do simbolismo de suas palavras. Florbela foi contemporânea dessa crise social, civilizacional e subjetiva, resultando na incapacidade de viver nessa realidade e, conseqüentemente, na necessidade de escapar para o mundo do imaginário, transcendendo através da literatura e, por fim, do suicídio.

Manuel Laranjeira¹ escreveu uma tese de doutoramento intitulada *A doença da Santidade* (1906), no qual revelava a alma trágica de Portugal, analisando a sucessão de suicídio no início do século passado. Para Laranjeiras, as mortes voluntárias era a expressão do mal-estar coletivo. O autor resumiu todo esse distúrbio social de uma forma demasiadamente clara: “O mal da sociedade portuguesa é apenas este – a desagregação da personalidade coletiva, o sentimento de interesse nacional abafado pela confusão católica dos sentimentos de interesse individual”² Dessa forma, para Laranjeira, Portugal não era apenas um território habitado por uma população, mas uma entidade que absorveu as características psicológicas daqueles habitantes que se desviavam do papel de representante da pátria.

A poeta portuguesa, Florbela Espanca, foi contemporânea dessa sociedade. Experimentou a vida, viajando do céu ao inferno, se esquivando dos males, saltando penhascos; não só mudando de amor, de cidade, mas também mudando de personagens de acordo com a realidade que vivia, de acordo com as reconfigurações dos códigos na sociedade. Ela transbordou uma linguagem que encerra a sua incompatibilidade com a vida, como meio de afirmação de uma inadaptação à própria realidade. Florbela construiu um lugar para si, onde pudesse viver todas suas angústias em todo o mal-estar do período que viveu, ela se fundia à própria imagem da morte, do luto e da dor. O solitário esforço de querer morrer foi documentado de várias formas nas diferentes frases de despedida, sobretudo, em seu *Diário do Último Ano*.

O *Diário do Último Ano* de Florbela Espanca abriu a possibilidade de partilhar um testemunho do desespero humano que viveu. É possível compreender Florbela como um sujeito desamparado, imerso em um mundo que lhe confronta com dores e horrores,

¹ Manuel Laranjeira (1877 – 1912) foi médico e escritor português.

² LARANJEIRA apud MATTOSO, José; RAMOS, Rui. História de Portugal: a segunda fundação. Lisboa: Editorial Estampa, 2001, p. 275.

que vêm não só do corpo e do mundo exterior, mas, sobretudo, das relações humanas. E é justamente nesse entrave que vejo Florbela desabafar suas últimas palavras em seu diário antes do suicídio, revelando, de certa forma, que a sua sensibilidade artística absorveu toda a cultura e a sociedade como uma terrível fonte de frustrações e sofrimentos.

É interessante pensar Florbela Espanca a partir da cultura. À medida em que sua emancipação feminina, não só autoral, mas a própria libertação da sexualidade, vem acompanhado de uma tomada de repressão social em que ressaltava a supremacia masculina sobre a mulher, por sua vez, essa aparece como fonte do pecado na moralidade cristã. Nesse sentido, Florbela viveu em uma sociedade que não só sustentava a negatividade do prazer, mas, sobretudo, enfatizava a dominação masculina como parte estrutural da família patriarcal, unindo a sexualidade feminina à procriação, reservando à mulher a função materna, retendo-a meramente ao espaço doméstico, ao mesmo tempo que condicionava a mulher a viver à margem da sociedade, sem autonomia, muito menos liberdade para traçar seus próprios caminhos.

Certamente, toda essa repressão da consciência de si provocou, talvez, o sentimento de culpa, que reflete a repressão da cultura sobre a libido, daí o mal-estar claramente expresso no fim da sua vida. Nesse sentido, o *Diário de Último Ano* pode ser visto como um registro derradeiro de desabafo de Florbela para com o mundo, transparecendo sentimentos enternecidos e pensamentos de dor, como se avaliasse toda sua vida e sua solidão em parágrafos aleatórios: em luta com a mediocridade do tempo que a cercava. No *Diário do Último Ano* de Florbela, em suas palavras nada se concede, nada se elucida. O que se diz são palavras finais?

Florbela inaugura seu *Diário do Último Ano* (1930) exteriorizando que não tem nenhum intuito, objetivo e/ou fim pessoal para escrever aquelas linhas, mas, ao mesmo tempo, pede compreensão para aqueles que lerem suas palavras no futuro, o que demonstra de alguma forma que ela está registrando meticulosamente um pensamento para posterioridade. A temática da angústia é um elemento chave em toda obra florbeliana: a espera e o temor que algo venha a se realizar ou, talvez, o sentimento de ameaça perante a vida. A angústia é um mal-estar contínuo em sua obra e diretamente ligada ao físico e ao psíquico em sua vida. De fato, a relação com o tempo é a maior

angústia trazida pela modernidade: “(...) o império do instantâneo suscitado pelos modernos meios tecnológicos tem por efeito um sentimento de perda inexorável, combatido por frenesi compulsivo no empenho de recuperar um presente que parece escapar-lhe” (DOSSE, 2003, 292). A subjetividade angustiada de Florbela e, em grande medida saudosista, luta contra a transitoriedade do mundo moderno, contra a efemeridade de todas as coisas, contra o passageiro e contra o caráter destrutivo do tempo.

12 de janeiro de 1930.

Viver não é parar: é continuamente renascer. As cinzas não aquecem; as águas estagnadas cheiram mal. Bela! Bela!, não vale recordar o passado! O que tu foste, só tu o sabes: uma corajosa rapariga, sempre sincera para consigo mesma. E consola-te que esse pouco já é alguma coisa. Lembra-te que detestas os truques e os prestidigitadores. Não há na vida um só ato covarde, pois não? Então que mais queres num mundo em que toda a gente o é... mais ou menos? Honesta sem preconceitos, amorosa sem luxúria, casta sem formalidade, reta sem princípios e sempre viva, a palpitar de seiva quente como as flores selvagens da tua bárbara charneca!³

O tempourgia e Florbela não se achava em canto nenhum, nem no lado profissional, nem no lado amoroso, os dias e anos passavam e ela se sentia cada vez mais velha e mais fragilizada, emparedada no caos de seus pensamentos. O passado lhe parecia tão belo, mas tão distante: passado apartado da menina feliz na sua terra alentejana, passado apartado da moça esbelta e cheia de vitalidade, um passado remoto e tão longínquo que ela mesma já não conseguia identificar a si próprio.

Parece que a memória, o pesar, traz à Florbela uma imagem de outrora, carregando-a de angústia. A angustia permeia Florbela pelo seu modo de existir e ver o mundo, de onde vem a dor, a inquietação, a morte como única forma de impedir essa angústia existencial. Florbela despreza o passado, um passado que provoca angústia, que só ressuscita mágoas, assim, ela se protege negando o passado conturbado, um passado marcado por crises e atravessado por tristezas.

³ ESPANCA, Florbela; CORREIA, Natália. Diário do Último ano. Portugal: Livraria Bertrand, 1981, p. 8 - 9.

23 de janeiro de 1930

Endiabrada Bela! Estranha abelha que dos mais doces cálices só sabe extrair fel! <<Para que quer esta criatura a inteligência, se não há meio de ser feliz?>>, dizia, dantes, meu pai, indignado. Ó ingênuo pai de 60 anos, quando é que tu viste servir a inteligência para tornar feliz alguém? Quando, ó ingênuo pai de 60 anos?... Só se pode ser feliz simplificando, simplificando sempre, arrancando, diminuindo, esmagando, reduzindo; e a inteligência cria em volta de nós um mar imenso de ondas, de espumas, de destroços, no meio do qual somos depois o naufrago que se revolta, que se debate em vão... que não quer desaparecer sem estreitar de encontro ao peito qualquer coisa que anda longe: raio de sol em reflexo de estrelas. E todos os astros moram lá no alto, ó ingênuo pai de 60 anos!⁴

Em meio aos aspectos singulares, a obra de Florbela Espanca aparenta ser alheia às preocupações sociais, inseridas apenas no seu mundo individual como podemos perceber em vários retratos que faz de si ao longo dos seus escritos. De fato, a obra é marcada por uma forte carga simbólica que confere uma característica única e singular, no entanto, não se coloca como observadora distante, mesmo quando parece exterior aos fatos e acontecimentos de sua época. Aliás, nenhuma obra literária está fechada em si, muito menos retrata o real — cristalizado, puro e acabado.

A angústia do saber, como bem demonstra esse trecho, é um elemento obrigatório na poesia moderna. A angústia não é uma característica presente apenas na obra de Florbela Espanca, mas está presente em grande parte dos autores entre a segunda metade do século XIX até meados do século XX. O tema da angústia, tão constante na obra de Florbela Espanca, também é um elemento marcante nas obras de autores que influenciaram profundamente a obra e o estilo da poeta como, por exemplo, António

⁴ ESPANCA, Florbela; CORREIA, Natália. Diário do Último ano. Portugal: Livraria Bertrand, 1981, p. 13.

Nobre⁵, assim como Mário de Sá-Carneiro⁶, Antero de Quental⁷, Mario Beirão⁸, Américo Durão⁹ e Teixeira de Pascoaes¹⁰ entre outros. Um dos pontos comuns é o tom confessional dos versos, ligados à temática do pessimismo, da mágoa, da dor existencial, da ânsia pela morte e pelo não ser. Na realidade, os dois poetas que mais se encontram presentes no tecido intertextual dos sonetos são Antônio Nobre, explicitamente evocado como par na solidão, Antero de Quental e Mário de Sá-Carneiro.

Isto se torna mais evidente quando se estabelece um breve paralelo, por exemplo com Mário de Sá-Carneiro, que sentiu a dor da existência de modo igualmente agudo. Segundo um estudo de André Rocha acerca do léxico comum entre os dois poetas, surgem com igual insistência palavras como fogo, brasa, rubro, rútilo, oiro quimera, loucura, etc., o que mostra revelador do clima emotivo e criador em que se consolidam. Em ambos, pode-se encontrar o drama da incompletude, a consciência de não ter atingido o absoluto, no entanto, seria um erro pensar que essa sensação advém apenas dos limites da intransigência do “eu” para com o mundo exterior; pelo contrário, embora sofram com a hostilidade ou a incompreensão alheia, são, sobretudo, as próprias impotências que possibilitam a exposição tanto no campo do amor, como um ato criador.

O mesmo “tudo ou nada” nietzscheano, reflexo da fragmentação do ser, de vidas impossíveis que se dispersam com o resultado de um estado de alta tensão vital cada vez mais intolerável que os conduzem a procurar a morte como única esperança de reunir finalmente as vivências em que se esvaíram. Se, em muitos casos, Florbela se assemelha

⁵ Antônio Nobre (1867 – 1900) foi poeta português cuja obra se insere não só na corrente ultrarromântica, mas nas correntes simbolistas e saudosista do fim do século XIX. Sua principal obra foi *Só* (1892), mascada pela lamentação, nostalgia e subjetivismo. (Disponível em: << https://www.ebiografia.com/antonio_nobre/ >>).

⁶ Mario de Sá-Carneiro (nasceu em 1890 e suicidou em 1916) foi poeta, contista e ficcionista português, aderiu ao movimento modernista em Portugal, membro da Geração d’Orpheu. (Disponível em: << https://www.ebiografia.com/mario_de_sa_carneiro/ >>).

⁷ Antero de Quental (1842-1891) foi escritor e poeta português que teve um papel importante no movimento da Geração de 70, não só foi um dos fundadores do *Partido Socialista Português*, assim como foi um dos fundadores do jornal *A Republica*. (Disponível em: << https://www.ebiografia.com/antero_quental/ >>).

⁸ Mário Beirão (1890 – 1965) foi um poeta português, grande saudosista do seu tempo. Apoiante do Estado Novo salazarista, foi o autor do Hino da Mocidade Portuguesa. (Disponível: << https://www.ebiografia.com/mario_quintana/ >>).

⁹ Américo Durão (1896-1969) foi um poeta e escritor português, licenciou-se em Direito na Faculdade de Lisboa, onde conheceu e se tornou amigo de Florbela Espanca e Mário Beirão. (Disponível em: << https://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9rico_Dur%C3%A3o >>).

¹⁰ Teixeira de Pascoaes (1877-1952) foi poeta e escritor português, principal representante do Saudosismo, um dos fundadores da revista “A Águia”, precursores do movimento da Renascença Portuguesa. (Disponível em: << https://pt.wikipedia.org/wiki/Teixeira_de_Pascoaes >>).

a Sá-Carneiro pelo sofrimento experimentado, distingue-se pelo brilho poético que o modernismo trouxe à cultura. As poesias de Florbela Espanca se mantêm inalteravelmente fiéis ao soneto decassilábico, podendo-se ver nessa fidelidade um sintoma da perfeição formal que procurou atingir mais próxima de Antero de Quental do que de António Nobre, o qual preferiu poemas livres de métricas variadas.

Seguramente, a obra de Florbela Espanca teve confluências de vários autores e correntes literárias que circulavam na sociedade que viveu; no entanto, sua poesia se mostra sempre fiel ao próprio sentimento: o sentimento da existência, da consciência de si e da identidade individual que, paulatinamente, essa construção do “eu” imersa nas sensações, nas desordens e nos transtornos internos. Tal fato tornou-se central em sua obra, percorrendo uma estilística muito própria como única condição de compreender melhor a si e algumas características céticas do seu tempo.

24 de janeiro de 1930.

O Diário de Maria Bashkistseff é qualquer coisa profundamente triste, de tragicamente humano. Só não compreendo naquela grande alma o medo da morte. O espectror da morte, a ideia da morte, apavora-a, espanta-a, indigna-a. É a sua única fraqueza. <<Il fraudra donc mourir, misérable.>> <<Mourir? Je veux vivre, moi, quando même et malgré tout...>> <<Mon corps pleure et crie mais quelque chose qui est au-dessus de moi, se rejouit de vivre, quando même...>> Mas que imensa alma! Queria o amor, queria a glória, o poder, a riqueza, queria a felicidade, queria tudo. E morreu com pouco mais de vinte anos gritando até o fim que não queria morrer. Como não compreendeu ela que o único remate possível à cúpula do seu maravilhoso palácio de quimeras, de ambição, de amor, de glória, poderia apenas ser realizado, por essas linhas serenas, puríssimas, indecifráveis, que só a morte sabe esculpir? Os seus vinte anos não chegaram a compreender o alto e supremo símbolo das mãos que se cruzam, vazias dessa maré de sonhos, que a vida em amargo fluxo e refluxo, leva e traz constantemente. Princesinha exilada, porque não soubeste tu murmurar, encolhendo os ombros, o teu doce e sereno nitchevo de eslava?...¹¹

¹¹ ESPANCA, Florbela; CORREIA, Natália. Diário do Último ano. Portugal: Livraria Bertrand, 1981, p. 13-14.

Nesse trecho, Florbela faz referências ao diário de Maria Bashkistseff¹², que se tornou uma personalidade conhecida do seu tempo, pois foi considerada pioneira da nova consciência do lugar e do papel da mulher na sociedade do século XIX, questionando a ordem burguesa vitoriana na definição do arquétipo de feminilidade confinada no espaço doméstico e da auto repressão. Com grande admiração, Florbela discorre sobre a alma grandiosa da jovem escritora russa que morreu com tuberculose com apenas 26 anos, no entanto, não compreende sua ânsia de viver: “Ele se defraudará a morrer, miserável. << Para morrer? Eu quero viver, eu, de qualquer forma, e apesar de tudo ... >> << Meu corpo chora e grita, mas algo que está acima de mim, se alegra de viver, mesmo quando...”. Florbela não compreende a negação pela morte de Maria Bashkistseff, acusando-a de ser muito jovem para saber sobre os intempéries da vida.

Nesse trecho, portanto, Florbela deixa claro que a morte não a apavorava, pelo contrário, ela tinha uma relação de entendimento com a morte. Segundo a poeta, só a morte lhe traria a glória, a realização dos seus sonhos, de um amor, pois só a morte libertaria sua alma presa as suas necessidades. Para Florbela, a morte é como uma acalentadora de suas ansiedades que embalam seus sonhos.

19 de fevereiro de 1930.

Que me importa a estima dos outros se eu tenho a minha? Que me importa a mediocridade do mundo se Eu sou Eu? Que importa o desalento da vida se há morte? Com tantas riquezas porque sentir-me pobre? E os meus versos e a minha alma, e os meus sonhos, e os montes e as rosas e a canção dos sapos nas ervas úmidas e a minha charneca alentejana e os olivais vestidos de Gata Borralheira e os assombros dos crepúsculos e o murmúrio das noites... então isto não é nada? Napoleão de saias, que impérios desejas? Que mundo queres conquistar? Estás, decididamente, atacada de delírio de grandezas!...¹³

Mais uma vez, Florbela traz a morte como resolução das agruras da vida. A poeta falar em plena crise subjetiva, assim como muitos sujeitos desse período, que foram

¹² Maria Bashkistseff (1858 – 1884) nasceu na Ucrânia, filha de uma família da nobreza russa, mas passou grande parte da sua vida em Paris, onde escrevia e estudava pintura. Mas foram suas cartas e, principalmente, o diário que mantinha desde os 13 anos que a tornaram numa personalidade conhecida.

¹³ ESPANCA, Florbela; CORREIA, Natália. *Diário do Último ano*. Portugal: Livraria Bertrand, 1981, p. 17.

completamente afetados e invadidos pela velocidade das mudanças sociais, de comportamentos e de sentimentos. Parece estar perdida entre os modelos de mulher antigos, modelos ultrapassados, e os modelos de mulher que ainda não estavam por todo legitimados. Essa sensação de fragmentação e perda de um eu organizado se manifesta em toda a geração contemporânea à Florbela, o que provocou não só uma disseminação do mal estar entre os sujeitos, mas, sobretudo, a entrega ao suicídio.

Florbela trazia consigo muitas características do espírito moderno desse período. Sua liberdade em relação à moral e à falta de disciplina referente às regras foram, sem dúvidas, as mais escandalosas para a sociedade portuguesa tradicionalista. Desse sujeito moderno, Florbela trazia o pessimismo, mas, por outro lado, a curiosidade como um grande estímulo para sua existência, pois se dedicou quase que exclusivamente à arte e às letras; a poeta também se revestiu na incapacidade para o amor e suscetibilidade para a doença física e mental tão comuns naquele período. Certamente, esse mundo moderno confuso e desordenado produziu uma subjetividade marcada por um frágil sentido do existencial em Florbela.

Florbela foi antes uma inconformada com a vida, ela queria a perfeição e, por isso frustrou-se, pois o sonho, o ideal não se realizou, daí a saudade do sonho, da perfeição e do passado feliz de sua juventude. A angústia é uma resposta ao estado de impotência, impossibilidade, sem nem mesmo saber de onde vêm suas dores e frustrações. Tomada pela melancolia, Florbela mergulha no mais profundo desprazer, e a sua angústia não é nada mais que o desmoronamento de si, do seu ego: “Não tenho forças, não tenho energia, não tenho coragem para nada. Sinto-me afundar. Sou o ramo de salgueiro que se inclina e diz sim a todos os ventos”.¹⁴

A vida adquire tons cinzentos, a essa altura, Florbela já não acreditava mais nas possibilidades, muito menos no amor. Enquanto isso, amargurada, Florbela devaneava em pensamentos e desabafava escrevendo no seu diário pessoal. “Não, não e não!”¹⁵. Ela negava aceitar aquela vida, repelia com desprezo aquela realidade. A melancolia e a solidão profunda encontram única saída para curar a dor, suplica que a morte feche os olhos, como um último suspiro: “A morte definitiva ou a morte transfiguradora? Mas o

¹⁴ Último Diário de Florbela 28 de abril de 1930, p. 20.

¹⁵ Último Diário de Florbela 15 de novembro de 1930, p. 23.

que importa o que está para além? Seja como for, será melhor que o mundo! Tudo será melhor que esta vida.”¹⁶. A morte surge como um alívio para uma angústia insuportável, a de não conseguir conviver com as sombras. Parece-nos que a morte é o único meio capaz de curar todas as feridas.

Frustrada, vazia e solitária no presente que a devorava, Florbela escreveu sua última linha no diário, 6 dias antes de se suicidar: “E não haver [sic] gestos novos nem palavras novas.”¹⁷. Talvez esse trecho reflita a expressão máxima do estado de alma da autora: o amor impossível, a queda de um sonho, o sofrimento e a morte. Quanto tudo se esgotou, a arte de amar e de criar, a vida se esvaziou de sentidos, ela não sabia o que queria, nem para onde iria, entregando-se eternamente ao silêncio da morte. Último instante, toda vida sobre os olhos: despedida do mundo com palavras carregadas de significados, tentando fazer da sua morte prematura um caso exemplar para toda uma geração.

Podemos dizer, se formos usar os termos da época, que Florbela vivia fragilizada, debilitada e açoitada por uma doença que se agravava dia após dia e nenhum médico conseguia diagnosticar: o pessimismo, a descrença e a melancolia. Como muitos sujeitos que viveram nesse período na sociedade portuguesa, Florbela parecia se deixar consumir pela neurose. Faltava-lhe força e vontade de viver, essa debilidade prejudicava a si mesma, causando-lhe uma decadência de si, uma espécie de autodestruição.

Estou magra como um junco, sem forças, neurastenizada e insuportável. Tenho corrido em vão a todos os médicos, feito radiografias de tudo quanto é possível radiografar-se, análises de tudo quanto é possível analisar-se e... ninguém sabe o que me mata pouco a pouco. A alma, talvez; a eterna história da lâmina corroendo a bainha (...) Sou uma inválida, uma exilada da vida. O que mais me tortura são as teimosas insônias em séries de quatro noites, só consigo dormir com Veronal ou qualquer outra droga.¹⁸

¹⁶ Último Diário de Florbela 20 de novembro de 1930, p. 23-24.

¹⁷ Diário de Florbela 02 de dezembro de 1930

¹⁸ Carta enviada ao professor Guido Battelli datada de 5 de julho de 1930.

Florbela passou parte da sua vida lutando contra um enorme ermo que não sabia de onde vinha, lutando contra uma perturbação mental e contra crises de depressão, porque suas ações e seus escritos expressavam uma liberdade incompatível com certos ditames morais de sua época. Possuía uma personalidade que tendia para a não observância das regras, nem limites que a freasse. Ela não se submeteu à moral, foi uma mulher descrente de qualquer explicação metafísica.

Pensando com Nietzsche, poderíamos afirmar que a ruptura com as regras da moral tradicional em Florbela explicaria não só sua vontade de nada, mas sua vontade de autodestruição através do uso constante de pesados soníferos e de três tentativas de suicídio, até sucumbir a terceira delas. Doente do corpo e da alma, Florbela não achava consolo para tamanho mal. Podemos dizer que seu corpo débil arrastava uma alma grande e pesada, a qual não conseguia carregar. Florbela, no final da vida, estava bastante magra, com a cabeça cheia de cabelos brancos e sem vontade para viver, sua vida era atravessada por um vazio aflitivo:

Nada me chega, nada me convence, nada me enche. (...) A morte, talvez... esse infinito, esse total e profundo repouso; (...) Às vezes, me parece que tenho qualquer missão a cumprir, qualquer coisa a fazer; mas não sei o que é, não compreendo, e esta inquietação mina-me, rói-me, esta interrogação, esta contínua busca, cada vez mais ansiosa, dentro de mim mesma, desvaira-me.¹⁹

Após tanta luta contra os juízos morais e os valores de seu tempo, após ter sido apontada pela sociedade como transgressora devido a seus atos de insubordinação aos códigos sociais, como ela própria se construiu e, certamente, como ela queria ser vista — rebelde, diferente e inconformada —, Florbela tomba, desfalece, já não tem forças para lutar contra a maré, já não vê nenhum sentido na existência, como se tudo fosse em vão, sem fim e sem objetivo. A descrença e a falta de esperança são as palavras chaves para descrever o seu descontentamento para com a vida. Estava emparedada no devir da sua própria história, o que a levou ao niilismo, ela nada esperava do e no tempo.

¹⁹ Carta enviada ao professor Guido Battelli datada de 2 de agosto de 1930.

O niilismo é um dos componentes da subjetividade de Florbela que a fez voltar-se contra si própria. Parece que Florbela ficou obcecada por esse nada, por esse ermo que emergia da sua existência, construindo toda sua poesia em cima dos sentimentos de melancolia: morte, amor frustrado e saudade. Parece que a incerteza de uma crença ou a falta de uma interpretação para o mundo causava-lhe dor e, conseqüentemente, provocando-lhe uma nostalgia de algo indefinível.

Florbela envervou na melancólica da perda da sua juventude e de um passado áureo, passou toda sua vida sofrendo a magoa e o delírio de um sonho nunca realizado que a definhou paulatinamente ao longo da sua vida. Assim, cansada de correr atrás de mundos de sonhos — tombados, renegados, aniquilados pelo desejo de morte —, a poeta não resistiu às pressões externas, não suportou a violência simbólica da sociedade e terminou por desembocar na negação total de valores e da vida, entregando-se à morte.

Segundo um estudo de Maria Lucia Dal Farra, não foi por acaso que, depois da sua morte, esses traços da sua personalidade foram propagandeados pela moral salazarista enquanto uma reputação duvidosa, tentando subordinar a memória de Florbela a uma imagem escandalosa, indecorosa e até obscena²⁰. As críticas à poeta não pararam de ser derramadas no seu leito de morte. Sua poesia foi julgada pela liberdade com que Florbela expressava seus sentimentos, principalmente seu erotismo- afrodisíaco, que supostamente subordinava a vida ao prazer. Além disso, Florbela foi criticada por poeta pagã, julgada pela aceitação exclusivista do lado trágico da vida. E, por fim, foi julgada por ter se suicidado, o mais grave pecado cometido contra Deus²¹.

Apenas dois meses após a morte da autora, esse mesmo tipo de crítica moralista foi direcionada ao livro “Charneca em Flor”, no Jornal Correio de Coimbra, de 7 de fevereiro 1931, na sessão de “Livros Novos”, coordenado por Herculano de Carvalho. Segundo o articulista, os sonetos do livro em questão carregavam consigo a pouca fé da autora, o que explicava o suicídio. Ele aponta que, ao invés de trabalhar com o amor dignificante, aquele que “salva e eleva”, Florbela trabalhava com o “amor destrutivo”, aquele que “perturba, que envenena e mata”. Quer dizer, em um período que a mulher

²⁰ DAL FARRA, Maria Lúcia. *Afinado Desconcerto: contos, cartas diário*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

²¹ ALEGRIA, José Augusto. *A poetisa Florbela Espanca: o processo de uma causa*. Évora: Centro de Estudos "D. Manuel Mendes da Conceição Santos", 1955.

não podia nem pensar, imaginem poetizar e divagar pelos caminhos desconhecidos do amor; uma mulher que se entregava a tal sentimento e, ainda por cima, se expunha, ficava com sua imagem eternamente marcada pela sua ousadia²².

Nesse contexto, a medicina moderna na sociedade portuguesa da primeira metade do século XX era um instrumento científico direto e indireto do Estado. Os médicos faziam parte da estratégia de modernizar o país. Por esse mesmo motivo, eram vistos como autoridade especial, que deveriam proteger os indivíduos contra tudo o que intervisse no bem-estar físico e moral. Assim, o projeto sanitarista tinha como principal função não só a orientação da saúde e da higiene, mas o controle social dos indivíduos. Então, para eliminar o “inimigo” do corpo social, era preciso disciplinar, curar, regenerar os excessos, os vícios, os desvios e as perversões da desordem.

Dessa forma, ao lado dos loucos, vagabundos, prostitutas, criminosos, alcoólatras, ladrões e homossexuais, os suicidas também foram alvo desse projeto do Estado, surgindo os primeiros estudos, vinculando o suicídio a um tipo de doença, moléstia ou distúrbio mental, relacionando o suicídio a um referencial patológico. A partir daí, começa-se a proliferar uma visão dos suicidas como alienados, loucos, pessoas que não agiam pela razão, que sofriam de perturbação/desarranjo/distúrbio/desequilíbrio mental, sem instinto de conservação, doentes que sofriam de neurose e histeria, das quais Florbela foi diagnosticada poucos anos antes da sua morte.

Além do estigma social que o Estado e a medicina moderna incutiam ao suicídio, também tinha o estigma moral imposto pela Igreja Católica, pois àqueles que caíssem na “tentação do demônio”, e fossem levados pelo impulso de autodestruição, eram renegados aos ritos religiosos e ao enterro cristão. É importante perceber que, a partir dessa perspectiva da Igreja Católica, o conceito de suicídio se disseminou negativamente entre os cristãos. O imaginário da sociedade portuguesa estava contaminado pelo medo, pelo preconceito, pelo desconhecido acerca do suicídio; estavam submetidos à disciplinarização dos gestos, dos comportamentos, dos hábitos e até das formas de viver e de morrer, força essa a qual Florbela não sucumbiu e por isso foi julgada.

²² DAL FARRA, Maria Lúcia. *Afinado Desconcerto*: contos, cartas diário. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002, p. 14.

Talvez, a morte fazia parte do jogo individualista na medida em que o “eu” define seu fim. Os percalços da sua vida produziram tão forte abalo em Florbela que jamais deixou de recorrer aos remédios para dormir, que foram determinantes não só para a recaída da sua saúde e equilíbrio mental, mas, sobretudo, fatais para sua vida. A morte deve ter sido para Florbela a última reticência de uma poesia que escreveu e nunca ninguém leu, assim como a vida foi para ela uma reticência do sonho que, talvez, nunca viveu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1.1 Biografia Específica

- ALEGRIA, José Augusto. *A poetisa Florbela Espanca: o processo de uma causa*. Évora: Centro de Estudos "D. Manuel Mendes da Conceição Santos", 1955.
- ALEXANDRINA, Maria. *Florbela Espanca: e a sua personalidade*. Porto: [s.n.], 1964.
- _____. *A vida ignorada de Florbela Espanca*. [S.I]: [S.N], 1964.
- ALONSO, Cláudia Pazos. *Imagem do eu na Poesia de Florbela Espanca*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da moeda, 1997.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *Florbela Espanca: Vida e Obra*. [S.I]: Arcádia, [S.D].
- BORGES, Aurélia. *Escola florbeliana: apreciação crítico com um preambulo do Dr. Victor Santos*. Lisboa: Edições Expansão, 1946.
- _____. *Florbela Espanca e a sua obra*. Lisboa: Edições Expansão, 1946.
- CAMPOS, Narino de. *A poesia, o drama e a glória de Florbela Espanca*. Lisboa: Narino de Campos, 1955.
- CORRAL, Concepción Delgado. *Florbela Espanca: asa no ar, erva no chão*. Porto: Tartaruga, 2005.
- CORREIA, Morão. *Florbela Espanca: breves considerações sobre a sua obra*. [S.I]: [S.N.], 1967.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. *Afinado Desconcerto: contos, cartas diário*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.
- _____. A Florbela de Agustina. Revista Labirinto. Vitória: UFES, 2007. Disponível em: <http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/01_2007/01_artigo_maria_lucia_dal_farra.pdf>. Acesso em: nov. 2013.
- _____. A Condição Feminina na Obra de Florbela Espanca. IN: *A cidade de Évora: boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*. A. XLIII N° 69 (1986), p. 51 – 61.
- _____; FRANCO António Cândido; SILVA, Fábio Mario da; VILELA, Ana Luísa (organizadora). *Florbela Espanca: o espólio de um mito*. Lisboa: Colibri, 2012.
- DAVID, Celestino. O romance de Florbela Espanca. IN: *A cidade de Évora: boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, A. VI, vol.6, n° 15-16 (Mar./Jun.1948), p. 41-100.
- DAVID, Celestino. O romance de Florbela Espanca: conclusão. IN: *A cidade de Évora*. - ISSN 0971-1992. - A.6, vol.6, n° 17-18 (Mar./Jun.1949), p. 353-435.
- ESPANCA, Florbela. *As Magoas do Destino*. São Paulo Martin Claret. 2009
- _____. *O Dominó Preto*. São Paulo Martin Claret, 2010.

- _____. *Trocando Olhares*. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- _____; MARCIEL, Laury (prefaciador). *Poesia de Florbela Espanca*. V.2. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- _____; RÉGIO, José (prefaciador) *Sonetos*. 29ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____; TORRES, Maria Ester (prefaciador). *Sonetos*. 4ed. Portugal: Publicações Europa-America, [S.D].
- _____; CORREIA, Natália (prefaciadora). *Diário do Último ano*. Portugal: Livraria Bertrand, 1981.
- ESPANCA, Túlio. Dupla homenagem a poetas do Alentejo : o cinquentenário da morte de Florbela Espanca : Autobiografia de Celestino David / (Ed.) Túlio Alberto da Rocha Espanca. IN: *A cidade de Évora: boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*. - A.XXXVII-XXXVIII, nº 63-64 (1980-81), p. 303-332.
- FARIAS, Priscilla Freitas de. “*Princesa encantada da quimera*”: o saudosismo intempestivo de Florbela Espanca (1894 – 1930). Monografia. Natal/RN: UFRN, 2012.
- _____. *Terra de Charneca Erma e da Saudade: a construção simbólica do Alentejo na obra de Florbela Espanca (1894-1930)*. Dissertação. Natal/RN: UFRN, 2015.
- FERNÁNDEZ, José Carlos. *Florbela Espanca: a vida e a alma de uma poetisa*. Lisboa: Nova Acrópole, 2012.
- FERRAZ, Diogo Ivens. O sentimento de solidão na obra de Florbela Espanca. *Separata da Revista Gil Vicente*, Guimarães, [s.n.], 1938.
- FREIRE, António. *O destino em Florbela Espanca*. Porto : Edições Salesianas, 1977.
- GUEDES, Rui. *Florbela Espanca: fotobiografia*. Rio de Janeiro: Livraria Paisagem, 1985.
- IANNONE, Carlos Alberto. Bibliografia de Florbela Espanca. IN: *A cidade de Évora: boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*. A.XXII-XXIV, nº 48-50 (Jan./ Dez.1965-67), p. 51-64.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LEÃO, Costa. *Poetas do Sul: Bernardo de Passos e Florbela Espanca*. Lisboa: Portugalia Editora, 1947.
- MACEDO, Gabriella Pinheiro de. *A voz da dor na construção poética de Florbela Espanca*. 2010. 25f. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade Alfredo Nasser, Instituto Superior de Educação, Aparecida de Goiânia, 2010.
- MAGALHÃES, Clêuma de Carvalho. *A obra de Florbela Espanca na perspectiva da estética da recepção*. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2010.
- NUNES, Maria Manuela Moreira. Florbela Espanca: Sarça Ardente de Fogo Fátuos. . IN: *A cidade de Évora: boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*. A. XIX-XX, nº45-46 (1962-1963), p.160-243.
- PAIVA, José Rodrigues de (organizador). *Estudos sobre Florbela Espanca*. Recife: Associação de Estudos Portugueses João Emerenciano, 1995.
- PEIXOTO, José Luís. *Florbela Espanca: A Charneca ao Entardecer*. Vila Nova de Famalhão: Quase Edições, 2002.
- RODRIGUES, Lopes. *Nótulas florbelianas*. Matosinhos: [s.n.], 1956.
- SENA, Jorge de. *Florbela Espanca ou a expressão do feminino na poesia portuguesa*. Porto: Biblioteca Fenianos, 1947.
- SERRANO, Manuel Francisco Pinheiro. O amor e o trágico na vida de Florbela Espanca. IN: *A cidade de Évora: boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, S. II, nº 7 (2007), p. 569-572.
- SILVA, Fabio Mario da. *Da metacrítica à psicanálise : a angústia do "Eu" lírico na poesia de Florbela Espanca*. João Pessoa : Ideia, 2009.
- SILVA, Fabio Mario da. Florbela Espanca em Évora. IN: *A cidade de Évora: boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, S.2, nº 8, (2009), p. 637-643.

SOMBRIO, Carlos. *Florbela Espanca*. [S.l.]: Edições Homo. [s.n.], 1948.

1.2 Biografia Geral

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Achegas de Saudade: as condições históricas de emergência de consciências e sensibilidades saudosistas no Brasil e em Portugal entre o final do século XIX e meados do século XX*. Projeto de pesquisa, CNPQ, 2009.

ALVAREZ, A. *O Deus Selvagem: um estudo sobre o suicídio*. Lisboa: Editorial Presença, 2002.

BONFIM, Aíto. *Suicídio cultural*. 2a ed. S. Tomé: Instituto Camões Centro Cultural Português, 2002.

BRANDÃO, José. *Suicídios famosos em Portugal*. Lisboa: Europress, 2007.

CAMPOS, Maria Clara Lourenço de. *Manuel Laranjeira e o "sentimento trágico da vida"*. Lisboa: [s.n.], 1994.

CATROGA, Fernando. *O Republicanismo em Portugal: da formação ao 5 de outubro de 1910*. 3 ed. Coimbra: Casa das Letras, 2010.

_____; MENDES, José Amado; TORGAL, Luís Reis. *História da história em Portugal: século XIX – XX*. Vol. II. Lisboa: Temas e Debates, 1998.

_____. *O Republicanismo Português: cultura, história e política*. *Revista Faculdade de Letras*. Porto: II Série, vol. 11. 2010. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9008.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

_____. *Salazar e a ditadura como regime*. Disponível em: <<<https://core.ac.uk/download/pdf/39122720.pdf>>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

COSTA, J. Pinto da. *Factores desencadeantes do suicídio*. Porto: Costa Carregal, 1983.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

FREITAS, Eduardo de. *Biografia Portuguesa sobre o suicídio*. Instituto Nacional de Estatísticas. Centro de Estudos Demográficos, ed. lit. Lisboa: INE. Centro de Estudos Demográficos, 1987.

_____. *O suicídio em Portugal no século XX: elementos empíricos para uma pesquisa*. Lisboa: Centro de Estudos Demográficos, 1981.

GONÇALVES, Manuel Eduardo. *Do suicídio e sua repressão*. Lisboa: [s.n.], 1940. Tese de licenciatura em Ciências Jurídicas apresentada na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

LARANJEIRA, Manuel. *Pessimismo nacional*. Lisboa: Frenesi, 2009.

_____; REAL, Miguel (prefácio). *Pessimismo nacional*. Guimarães: Opera Omnia, [S.D].

_____; BELLO, Maria (prefácio). *A doença da sanidade*. 2 ed. Lisboa: Edições Labirinto, [S.D].

_____. *Prosas dispersas*. Lisboa: Relógio D'água, [S.d].

_____; UNAMUNO, Miguel de. *Cartas de Manuel Laranjeira*. Relógio D'água, [S.d].

MATTOSO, José; RAMOS, Rui. *História de Portugal: a segunda fundação*. Lisboa: Editorial Estampa, 2001..

MINOIS, Georges. *História do suicídio: a sociedade ocidental perante a morte voluntária*. Lisboa: Editorial Teorema, 1998.

MONTOITO, Eugénio. *Manuel Laranjeira e o sentimento decadentista na passagem do século XIX*. Póvoa de Santo Adrião: Europress, cop. 2001.

MORENO, Armando. *Glória e Suicídio*. Carcavelos: Medilivro, 2003.

MORON, Pierre. *O suicídio*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1977.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nihilismo Europeu*. In: *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto de Poder, 2008.

_____. *Considerações Intempestivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

_____. *Vontade de potencia*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1986.

PEIXOTO, Bessa; SARAIVA, Carlos Braz; SAMPAIO, Daniel. *Comportamento suicidário em Portugal*. Coimbra: Sociedade Portuguesa de Suicidologia, 2006.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

SALGUEIRO, Eduardo. O suicídio dos catedráticos de Coimbra. Lisboa: Renovação democrática, 1933.

SERRA, Adriano Supardo Vaz. *Considerações gerais sobre o suicídio*. Coimbra: [s.n.], 1971.

SILVA, Orlando da. *O Manuel Laranja (1877 – 1912): vivências e imagens de uma época*. Vergada: Gráfica da Vergada, 1992.

TORGAL, Luís Reis. *Estados Novos, Estado Novo: ensaios de história política e cultura*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

VIGARELLO, Georges. *O sentimento de si: história da percepção do corpo*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.